

Os universais e o universalismo: pensar a coletividade a partir de Guimarães Rosa

Autor: Tiago Guilherme Pinheiro

Orientador: Marcos Natali Piason

Gostaria de recuperar aqui um aspecto – o da fundação de coletividades – que nem sempre me parece enfatizado o suficiente naquilo que costumamos chamar genericamente de “teoria francesa dos anos 1960”, isto é, uma série de autores que, pela definição da data, incluiria, para fazer uma lista bastante limitada, Barthes, Foucault, Derrida, Deleuze, Lyotard, Lacan, Althusser, Badiou, Rancière, Meschonnic e outros. Sei que corro o risco de equalizar um conjunto bastante heterogêneo de pensadores, mas – e esse não é um dado menor para o que vai ser discutido aqui – é justamente por encontrar um ponto comum (e ainda haveria outros) no meio de tantos debates e disputas (que jamais devem ser suavizadas) é que podemos entrever um esforço por político próprio a esses autores, um tipo especial de esforço que é capaz de fazer confluir rivais teóricos, sem que isso exija a supressão da divergência.

Para fazer um levantamento mínimo da importância desse tópico, o da coletividade, basta sobrevoar as obras desses autores, e destacar alguns conceitos centrais que possam a mover suas obras a partir de certo momento: o “viver-junto” de Barthes, a Justiça de Derrida, ou mesmo a Amizade, que também será recuperada por Deleuze, a democracia de Rancière, o ritmo e a voz de Meschonnic ou mesmo a hipótese comunista de Badiou. Em nenhum desses casos, salve engano, o que está sendo proposto é uma sociedade posta, capaz de suportar uma multiplicidade informe e tolerante, mas sim uma verdadeira unidade política que, no entanto, não estaria subordinada nem a uma lógica da identidade, nem do poder regulador. Ou seja, esses projetos políticos levariam em conta a difícil tarefa de lidar com diferença e contingência radicais.

Não por outro motivo, foi preciso que esses autores modificassem ou deslocassem a própria idéia de “universal”, retirando-a de sua obviedade (principalmente a de seu modelo maior, o “homem” universal), para que fosse possível pensar outras formas de coletividades, baseadas em relações universalistas, baseadas em projetos estratégicos, não-essencialistas, abertos para aqueles que delas quiserem participar, como Alain Badiou propõe em seu belo livro *São Paulo: a fundação do universalismo*.

Essas questões sobre qual o tipo de universal que elegemos como centro de nossas ações políticas parece-me, sintomaticamente, esquecidas (até, porque, em termos de universais enquanto natureza não há de fato qualquer possibilidade de discussão: o homem e a literatura são assim, e o são assim universalmente, para que sejam universais).

No entanto, seria necessário buscar as grandes obras que analisaram as conseqüências que o humanismo como projeto político nos trouxe, tais como *A Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer, ou *As Palavras e as Coisas* de Foucault, ou ainda *O Século* de Badiou, de como, por exemplo, o nazismo e o stalinismo foram também e rigorosamente projetos centrados no “homem” e em sua universalização.

Há ainda um problema adicional, um problema de método, que talvez nos afete ainda mais. Deveríamos nos perguntar o quanto uma crítica que tem como chave a noção de “revelação”, de “desvelamento” pode ser efetiva em tempos de razão cínica. Se a televisão e os jornais fazem isso melhor que a poesia, como a professora Iumna Maria Simon destacou como impasse de certa teoria e de certa poesia em um texto recente, não deveríamos nos questionar sobre a efetividade de um projeto político que se garante pela crítica da consciência alienada como formação (recuperação) de uma coletividade política?

Sabemos o quanto pesam todas essas questões para um autor como João Guimarães Rosa. Parece-me que ele, ao se posicionar sua obra em outro campo estratégico, sofreu grandes prejuízos ao longo das leituras que foram lhe sendo rendidas. Por isso, gostaria de lembrar aqui de um pequeno conto, do *Primeiras Estórias*, intitulado “Soroco, sua mãe, sua filha”, principalmente da função do canto no interior desse texto.

Não é por acaso que esse canto parte de duas “loucas”, e que o conto esteja recheado de referências a esse tipo de tema (p.ex., o trem que as levará ao hospício é descrito como “um canoão seco, um navio”, lembrando a imagem da Nau dos Loucos, tão comum na Europa Medieval). Assim, como o índio, a criança e o animal, o louco tem um lugar especial na obra de Guimarães Rosa justamente porque se encontra num limiar, no limite ou mesmo fora da “universalidade” humana.

Podemos dizer que essa centralidade da falta de lugar é entrevista na própria narração do momento em que a filha de Soroco começa a cantar. A linguagem desse canto, que a princípio não pertence a ninguém, que é o nenhum, tomará proporções

inesperadas. A conjunção dessas duas mulheres, em sua heterogenia que se reforça pelo fato de ambas não possuírem nada (“Sem tanto que diferentes, elas se assemelhavam”) está a convocar, está a reivindicar a sua parte dentro do sensível, parte que, contudo, não pode ser apenas devolvida, mas que deve aparecer como reivindicação de um reordenamento radical.

Esta é a função que exerce o canto em “Soroco, sua mãe, sua filha”: criar condições para que “os outros”, o “povo”, “as muitas pessoas” tornem-se “a gente”, essa coletividade que se distancia de si mesma para romper a ordem de suas próprias identidades em favor de uma questão que concerne a todos (que funda esse “todos”). Aqui podemos apontar para um tipo muito específico de “universalidade”, não fundamentada num lugar ou num valor prévio, mas num gesto aberto.

Aqui poderíamos apontar um primeiro motivo pelo qual o elemento mais importante do conto está em elipse, não é exibido: o canto aqui ocupa um lugar vazio, não pode ser definido previamente, nem pode ser institucionalizado, já que ele possibilita a criação de uma coletividade sem forçar uma identidade (e nisso ele difere radicalmente, por exemplo, de um hino nacional oficializado). Esse lugar não preenchido só pode advir em forma de uma nova coletividade, já que dispositivos como o manicômio não concernem aos loucos, mas fundamentam a própria base da estrutura social atual, tanto dos “sãos” como dos “dementes”. É vazio porque seus procedimentos e suas condições de aparição não podem ser definidos com segurança e fora de um tempo específico.

Contudo, Guimarães Rosa exhibe para além do conteúdo desse conto, mais um modo de procedimento e que poderíamos chamar sua “poética”. (algo muito mais próximo do sentido etimológico dessa palavra, ligado a idéia de “ação”).

Esse procedimento está na própria forma como Guimarães Rosa utiliza mecanismos sintáticos e semânticos latentes na própria língua para recriá-la, ou melhor, para exhibir a flexibilidade de sua estrutura, para evidenciar a possibilidade de atingi-la. Guimarães Rosa confere (ou lembra que) ao sertanejo esse poder sobre a língua (essa língua roseana que não é de ninguém, mas se quer de todos, em seu procedimento) porque ela clama por uma coletividade, por sua própria universalidade enquanto evento que se dispõe contra um certo estado de coisas. (E nesse sentido, estamos muito próximos da idéia de Meschonnic sobre oralidade e ritmo).

A segunda hipótese (que não excluí a primeira) sobre a ausência do canto no conto está associada a um limite próprio da instituição literária tal qual ela se configura

hoje, que está diretamente associada a essa possibilidade de realização do ato, de instauração de uma coletividade. Ela já não está associada à criação de uma coletividade, mas ficou restrita a individualidade de uma escrita, de uma leitura privada. Só é possível ao leitor entrever o canto da filha e da mãe de Soroco já que não é possível participar dele através da escrita, ou de quaisquer outras formas de representação.

Ao evidenciar esse problema, ao mesmo tempo em que dissemina vários elementos que permitem pensar o universalismo e o poético, principalmente no modo mesmo como trabalha com a linguagem, Guimarães Rosa coloca em jogo os modos de atingir esse par entrelaçado num evento, numa qualidade que ele costumava nomear de “o infinito”.